

Dispositivo grupal com mulheres

Group device with women

Camila dos Santos Leonardo, João Paulo Pereira Barros, Dagualberto Barboza da Silva, Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa, Jéssica Silva Rodrigues

Resumo

Este artigo deriva de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar estratégias metodológicas utilizadas em um dispositivo grupal junto a mulheres em um contexto periférico. Optamos por uma abordagem qualitativa, especificamente a partir da perspectiva da Pesquisa-Intervenção orientada pelo método da cartografia. Para responder à questão “que condições e efeitos estiveram ligados às estratégias metodológicas utilizadas em um dispositivo grupal junto a mulheres da Comunidade Santa Filomena?”, elegemos como intercessores estudos da Psicologia Social sobre dispositivo grupal, apostando em diálogos transdisciplinares sobre violência, exclusão social, subjetivação e discussões interseccionais. Utilizamos como estratégias metodológicas rodas de conversa e oficinas junto ao dispositivo grupal. Esperamos que tal esforço investigativo sobre nossas experimentações em campo possa inspirar futuros trabalhos que, articulando pesquisa e extensão, tenham por intuito a maquinação de estratégias metodológicas com grupo de mulheres em territorialidades periféricas urbanas.

Palavras-chave

Grupo de mulheres, pesquisa-intervenção, cartografia.

Abstract

This article derives from a research whose objective was to analyze methodological strategies used in a group device with women in a peripheral context. We opted for a qualitative approach, specifically from the perspective of Research-Intervention guided by the method of cartography. To answer the question “what conditions and effects were linked to the methodological strategies used in a group device with women from the Santa Filomena Community?”, we chose as intercessors studies of Social Psychology about group device, betting on transdisciplinary dialogues on violence, social exclusion and subjectivation and intersectional discussions. We used conversation strategies and workshops with the group device as methodological strategies. We hope that such an investigative effort on our experiments in the field can inspire future works that aim to devise methodological strategies with a group of women inserted in urban peripheral territorialities.

Keywords

Women's group, research-intervention, cartography.

Camila dos Santos Leonardo

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

camilasantosleonardo@gmail.com

João Paulo P. Barros

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Adjunto do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

joaopaulobarros@ufc.br

Dagualberto B. da Silva

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação e em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

dalgobarboza92@gmail.com

Érica A. G. de Araújo Costa

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFC e Professora do Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas.

ericaatem@ufc.br

Jéssica S. Rodrigues

Universidade Federal do Ceará (UFC).

Docente na Universidade Estadual do Ceará e Doutora pela Universidade Federal do Ceará.

jsrodrigues@gmail.com

Introdução

Este artigo visa analisar estratégias metodológicas utilizadas em um dispositivo grupal produzido com mulheres moradoras de um contexto periférico da cidade de Fortaleza, seus efeitos e apostas ético-estético-políticas. Provém de uma investigação ligada ao VIESES: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação, vinculado ao Departamento de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Durante o segundo semestre de 2018, o projeto de extensão “Entretantos”, ligado ao VIESES, em parceria com uma organização não-governamental, contribuiu com a formação de um grupo de mulheres na comunidade Santa Filomena, localizada na região do Grande Jangurussu, um território de Fortaleza cuja taxa de homicídios juvenis tem se destacado e também com amplo histórico de lutas políticas por direitos e reconhecimento de suas potencialidades. Nosso objetivo foi cartografar efeitos psicossociais dessas violências nas trajetórias de mulheres que tiveram seus filhos assassinados ou encarcerados, bem como delinear estratégias de apoio psicossocial a elas.

Este enfoque se justifica pelo contexto de nordestinação dos homicídios (BARROS *et al.*, 2018). O Índice de Homicídios da Adolescência (IHA) assinala que, dos nove estados com maiores índices, oito pertencem à região do Nordeste (BORGES; CANO, 2017), havendo um crítico destaque para a capital do Ceará, Fortaleza, que lidera esses índices. Dados do Comitê Cearense pela Prevenção dos Homicídios na Adolescência (CCPHA) frisam que o cenário de agravamento da violência letal contra adolescentes e jovens impacta diferencial e acentuadamente as famílias das vítimas, sobretudo mulheres, retroalimentando e maximizando processos de vulnerabilização (CCPHA, 2016).

As reverberações das dinâmicas da violência urbana no cotidiano de mulheres subalternizadas por opressões raciais, de classe e de gênero têm sido postos em análise em vários estudos, apontando para uma intensificação das violações de direitos (AGUIAR, 2014; LEITE, 2018; RODRIGUES, 2019). Além do extermínio juvenil, cabe problematizar as implicações do encarceramento em massa, sobretudo de jovens, na vida dessas mulheres cujos filhos encontram-se privados de liberdade, em decorrência das malhas punitivo-penais seletivamente constituídas pelo racismo colonial.

Assim, visando investigar a intervenção produzida no âmbito do projeto de extensão anteriormente destacado, a pesquisa buscou responder à seguinte questão-problema: “Que condições e efeitos estiveram ligados às estratégias metodológicas utilizadas em um dispositivo grupal junto a mulheres da Comunidade Santa Filomena?”. Conduzimos as reflexões em diálogo com referenciais teóricos e autores/as do campo da Psicologia Social. Apostamos nas discussões sobre dispositivo grupal (BARROS, 1994; 2007; HUR, 2018) e nos diálogos transdisciplinares, tematizando violência, exclusão social e subjetivação (BARROS, 2019; BARROS, *et al.*, 2018; BARROS, *et al.*, 2017; BENICIO, *et al.*, 2018), assim como nas discussões feministas que refletem sobre como se articulam opressões de raça, gênero e classe social a partir de uma perspectiva interseccional (DAVIS, 2016; HOOKS, 2014, 2015; AKOTIRENE, 2018).

A perspectiva analítico-política interseccional possibilitou uma compreensão mais ampla das desigualdades raciais, de gênero e de classe, uma vez que estas operam como marcadores que se relacionam não a partir da lógica da sobreposição, mas sim, conectando-se. Na construção das estratégias metodológicas grupais, a interseccionalidade operou como ferramenta teórico-metodológica para visibilizar opressões antes invisíveis, enegrecendo referências acadêmicas.

Tomar este grupo de mulheres enquanto dispositivo foi considerá-lo como um “conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1979, p. 244), onde são elementos o dito e o não dito. Deleuze (1990), ao fazer uma releitura foucaultiana sobre o que é um dispositivo, conjectura que esse se apresenta como uma composição multilinear.

Esperamos que este artigo possa inspirar futuros trabalhos que tenham por intuito a maquinação de estratégias metodológicas com grupo de mulheres inseridas nas margens urbanas, articulando pesquisa e extensão.

Metodologia

Tipo de pesquisa

Os caminhos investigativos deste estudo têm caráter qualitativo e foram traçados a partir da perspectiva da pesquisa-inter(in)venção (AGUIAR; ROCHA, 2007; MENEZES; COLAÇO; ADRIÃO, 2018; COSTA; MOURA JR.; BARROS, 2020). Nesse campo heterogêneo das pesquisas participativas, aproximamo-nos do método da cartografia (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014).

A partir desse delineamento, apostamos na pesquisa-inter(in)venção cartográfica para acompanhar processos de produção de subjetividades, colocando em exercício uma atenção à espereita e a inscrição em um território existencial, pondo em análise o plano coletivo de forças que engendram os processos e as formas subjetivas, bem como exercitando uma análise de implicações e novas políticas de narratividade na pesquisa, a partir de um plano do comum a ser acessado/criado com as participantes da pesquisa a partir do dispositivo-grupo (BENICIO *et al.*, 2018; BARROS *et al.*, 2018; PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014).

Esse estudo, ao pôr em análise a produção de estratégias metodológicas grupais materializadas no revezamento pesquisa-extensão, potencializa o plano das experiências partilhadas com e no campo, no qual se delineou o próprio problema de pesquisa.

O local e as participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Comunidade Santa Filomena, localizada na região do Grande Jangurussu, em Fortaleza (CE). O grupo ocorreu entre maio e outubro do ano de 2018, contando com a participação de aproximadamente 20 mulheres. Algumas estiveram presentes apenas uma vez e outras participaram de modo mais contínuo. As participantes tinham entre 15 a 65 anos, apresentando um desafio intergeracional para esse grupo.

Quanto à identificação das participantes, optamos por usar nomes fictícios que remetem a escritoras negras. Desse modo, apresentamos aqui as histórias de Dona Conceição, Dona Carolina, Firmina, Noémia, Ana Maria, Bianca, Paulina e Alice ¹.

Estratégias metodológicas

O corpus deste estudo compõe-se dos registros de 13 encontros grupais, sendo 5 oficinas e 8 rodas de conversas². O número de encontros, metodologias e temáticas podem ser identificados na Tabela 1:

1

Os nomes composto das autoras foram supridos para não causar confusão durante a leitura. O nome completo das autoras na ordem: Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Noémia de Sousa, Ana Maria Gonçalves, Bianca Santana, Paulina Chiziane e Alice Walker.

2

Compreendemos enquanto “oficina” os momentos grupais nos quais foram estimuladas experimentações para criações de cunho artístico/estético, como pinturas e colagens. Já a “roda de conversa” foi uma estratégia metodológica utilizada quando tínhamos por intuito fomentar discussões tendo em vista o que emergia dos encontros anteriores.

TABELA 1 - Número com encontros, estratégias metodológicas e temáticas das rodas de conversa e oficinas.

Nº de encontros	Estratégias metodológicas e temáticas trabalhadas no Dispositivo Grupal Com Mulheres do Santa Filomena
1º	Roda de apresentação para conhecer o grupo
2º	Roda de conversa - “Cuidado de si e cuidado compartilhado”
3º	Roda de conversa - “Percepções sobre as mudanças que já aconteceram”
4º	Roda de conversa - “Reconhecendo redes de afetos em situação de sofrimento”
5º	Oficina de colagem - “Significados de Ser Mulher”
6º	Roda de conversa - “Teia: reconhecendo potencialidades e desafios do território”
7º	Roda de conversa - “Partilha do sensível: narrando cotidianos”
8º	Oficina de pintura - Experimentações Outras de si
9º	Roda de conversa - “Histórias Cruzadas/Infância em (re)invenção”
10º	Oficina- “Mapeando sentidos e potências do Grupo de Mulheres”
11º	Oficina - “Uma carta a si”: Montagem de uma Zine Coletiva (Parte 1)
12ª	Oficina - “Uma carta a si”: Montagem de uma Zine Coletiva (Parte 2)
13º	Roda de conversa - “O que se cala, o que se fala: ser mulher no Santa Filomena”.

Fonte: Calendário dos encontros do grupo com mulheres do Santa Filomena

Resultados e discussão

Rodas de conversa: “O que se cala e o que se fala” ³ na busca por romper silenciamentos?

O primeiro encontro ocorreu numa igreja, local “respeitado” pelas facções e, de certo modo, mais seguro dentro da comunidade. Chegamos na companhia de um articulador social que atuava na região do Grande Jangurussu. Conhecemos Ana Maria ⁴, também articuladora que atuou na mobilização e coordenação do grupo conosco. Ao iniciarmos, buscamos primeiramente conhecer quem eram as 12 mulheres presentes, suas trajetórias e o que esperavam construir a partir daqueles momentos coletivos.

A expectativa de que a construção do grupo seria feita de modo unilateral foi rompida desde o início, quando nos propomos a definir coletivamente como seriam os encontros. A proposta de construção coletiva do dispositivo-grupo foi uma de nossas apostas ético-estético-políticas. Antes de conhecê-las, apenas sabíamos da demanda inicial feita por um representante da ONG que nos procurou: a criação de um grupo de mulheres para acolhimento psicossocial de mães que tinham filhos/as em cumprimento de medidas socioeducativas ou que foram vítimas de homicídio.

3

Título inspirado em uma de nossas rodas de conversa cuja a inspiração proveio da música de Elza Soares “O que se cala”.

4

Nome fictício.

Outra aposta ético-estético-política foi tomar como guia a processualidade do grupo, de modo que a sequência das atividades foi pensada de acordo com o que emergia a cada encontro e servia de inspiração para o próximo. A construção desse espaço grupal se deu a partir de diversas experimentações, valorizando primordialmente a experiência da “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009) entre nós e as mulheres, e entre as próprias mulheres. Os encontros propunham a ser momentos de compartilhamento de experiências comuns e potencialização de processos de singularização. As duas rodas de conversa “Cuidado de si e cuidado compartilhado” e “Partilha do sensível: narrando cotidianos” trouxeram cenas analisadoras sobre os desafios de constituição do dispositivo grupal. Nossa aposta metodológica nessas rodas de conversa teve por foco a transversalização das trajetórias, pois, apesar de singulares, teciam conexões entre si.

A experiência de falar de si possibilitou às mulheres reelaboração de sentidos a respeito de seus cotidianos, inventando coletivamente estratégias que fissurassem o processo histórico de silenciamento e a ferida aberta da colonialidade (KILOMBA, 2020) que atravessam a condição de ser mulher, sobretudo, mulher negra e periférica. Hooks (2014) apresenta como, desde a escravidão, foram repercutidas imagens negativas da natureza feminina negra, ligando-a à promiscuidade sexual e desvalorização, não somente pelo ódio racial, mas também como modo de controle. Buscando cartografar o plano coletivo de forças que operavam nos cotidianos das participantes do grupo, destacamos como os marcadores de desigualdade (raça, gênero, classe, geracional etc.) se interseccionavam em suas trajetórias e os desafios teórico-metodológicos que isso implicaria na construção de nossas metodologias.

Para Akotirene (2018), a interseccionalidade pode ser compreendida como uma ferramenta crítico-política e teórica que forja instrumentos teórico-metodológicos os quais põem em análise o quanto o racismo, o capitalismo e o cis-hétero patriarcado são inseparáveis e os efeitos disso nas experiências vivenciadas pelas mulheres, sobretudo, mulheres negras. Segundo a socióloga baiana, a interseccionalidade traz a perspectiva que

demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (AKOTIRENE, 2018, p. 54).

O acompanhamento desse grupo de mulheres se deu por um exercício da atenção à espereita (KASTRUP, 2010) ao que emergia e submergia, enrolava e desenrolava na rede de acontecimentos. Operar com o grupo tomando-o como dispositivo nos permitiu problematizar as noções de grupo como uma totalidade intermediária entre outras duas totalidade-em-si ou como um ente abstrato que paira sob os participantes que fazem parte da sua composição (BARROS, 1994). Para Kastrup e Barros (2010), os fenômenos que produzem subjetividades têm como características o movimento, a transformação e a processualidade. Barros (1994, p. 187) pondera, ainda, que o rastreamento das forças a partir do dispositivo-grupo acontece através do “mapeamento da manutenção/desmanchamento das instituições, da naturalização/desnaturalização dos modos de viver/sentir, do acompanhamento dos fluxos que se deslocam no tempo”.

Deleuze (1990) disserta sobre quatro tipos de linhas que constituem um dispositivo: de visibilidade; de enunciação; de força; e de subjetivação. Estas estão entrecruzadas variando de direções e sujeitas a derivações. De tal modo que os “[...] objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças

em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores” (DELEUZE, 1990). Estas linhas estão emaranhadas entre si, sendo nosso desafio esse desemaranhamento a partir de um percurso cartográfico.

Na terceira roda de conversa acerca das “Percepções sobre as mudanças que já aconteceram”, Dona Carolina nos contou que o grupo a ajudou a andar mais pelo próprio território, pois havia o deslocamento até a escola e que antes “só vivia dentro de casa” [sic]. Por ser um bairro “faccionado”, aquelas moradoras se viam limitadas a andar por determinados locais da comunidade. Com isso também, poucas do grupo se conheciam. Já Noémia compartilhou conosco “Esses momentos têm me ajudado, porque em casa é só estresse. Aqui tem até ajudado em casa, porque desestresse aqui e posso cuidar melhor dos meus filhos”. Nesse encontro, nos chamaram atenção as expressões de experiências de solidão e sobrecarga vividas pelas participantes, que podem ser relacionadas à certa construção colonial de gênero atrelada à condição de ser “mulher-dona-de-casa”.

Na roda de conversa “Reconhecendo redes de afetos em situação de sofrimento”, tivemos por intuito construir junto com as participantes uma rede com a qual elas poderiam contar no caso de uma situação difícil. Elas ressaltaram que podiam contar, sobretudo, com pessoas próximas da família. Ao falar sobre ajudar uma pessoa próxima, Dona Carolina pontuou que se dispor é “um ato de amor pelo vizinho”. Dona Conceição, ao relatar uma situação difícil, contou sobre o tempo que morou na rua, dependendo da ajuda de outras pessoas, ficou nesta situação por fazer uso abusivo de álcool. A única pessoa com a qual pôde contar foi um padre, restando-lhe as estigmatizações e solidão por fugir do papel a ela relegado pelo padrão patriarcal.

Pensar a trajetória de Dona Conceição a partir de uma perspectiva interseccional é analisar que as mulheres negras são cotidianamente atravessadas por diversos marcadores que as posicionam em avenidas identitárias, tornando-as mais vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos (AKOTIRENE, 2018). Observamos que os principais pontos de apoio de muitas daquelas mulheres não foram as políticas públicas de saúde ou de assistência social, alvos de precarizações em tempos neoliberais, e sim redes informais que construíram ao longo de sua trajetória.

Na roda de conversa “Teia: reconhecendo potencialidades e desafios do território”, a proposta foi refletir sobre potências existentes em seus contextos de vida, a despeito das estigmatizações direcionadas ao Grande Jangurussu. Propusemos uma atividade na qual cada participante segurava uma ponta da linha e falava sobre sua comunidade, contando um desafio e uma potencialidade, depois jogava para outra participante até formar uma teia. Bianca, por exemplo, pontuou que a parte “ruim da comunidade é não ter projetos para as crianças” [sic], excetuando o Projeto Meninos de Deus ⁵. Para Firmina, uma das dificuldades era o que “[...] tá rolando em toda Fortaleza: a violência. No Santa Filomena somos esquecidos [...] tenho medo de andar aqui e em outros territórios, porque nunca se sabe o que pode acontecer”.

Conforme destaca Passos e Carvalho (2015), esse “viver acuado” constitui uma das expressões das dinâmicas da violência urbana, sobretudo para as/os moradoras/es das periferias, que mudam seu trajeto ou deixam de acessar certos territórios por estes “pertencerem” à facção rival. Essas limitações de trânsito promovidas pelas facções ⁶, além de restringirem as possibilidades de vivência da cidade, fator este que também contribui para uma maior segregação social (BARROS et al., 2018), também reduzem o acesso dessas mulheres às políticas públicas.

5

O Projeto “Meninos de Deus” criado em 2008 trabalha com jovens em situação de vulnerabilidade social na comunidade do Jangurussu, considerada uma das mais violentas de Fortaleza. Tem por intuito resgatar as juventudes do crime e da violência com um enfoque integral incluindo consciência dos direitos humanos, práticas artísticas, esportivas, desenvolvimento espiritual e questões afins.

6

Termo utilizado pelas mulheres durante o grupo para falarem dos grupos responsáveis pelo comércio ilegal de armas e drogas.

Para além do viver acuado, percebeu-se que as mulheres experimentam outros desafios por habitar aquele território periférico, como nos apresenta Dona Carolina:

Na comunidade “não existe saneamento, a gente não aguenta a catanga”. Sobre a iluminação do bairro, nos disse “as luzes não ‘alumeiam’ [...] a culpa não é da população e sim do prefeito” [sic]. Se mostrou bastante preocupada com essa situação da pouca iluminação e falta de infraestrutura do bairro “já vi idosos caindo na rua” [sic]. Sobre a rua que morava, nos contou “ali é uma humilhação, eu pago ‘15 conto’⁷ de iluminação pública e é tudo escuro”. (Trecho do Diário de Campo do 7º encontro - Roda de conversa - “Teia: reconhecendo potencialidades e desafios do território” - 28/07/2018)

Os dispositivos operam, para Deleuze, como “máquinas de fazer ver e de fazer falar” (1990, s/p). Enquanto as luzes do bairro não “alumiavam”, utilizávamos das linhas de visibilidade e dizibilidade⁸ do dispositivo grupal, a partir das rodas de conversa, para maquinar outros modos de “alumiamentos”. Em uma lógica na qual historicamente a razão foi associada à luminosidade, Scisleski e Hüning (2016) pontuam a potência de se pensar nas sombras e a necessidade de construir estratégias junto àqueles/as que as habitam, pondo em debate o modo como determinados territórios da cidade são simbolicamente iluminados e outros não. É necessário escrever nas sombras para escrever junto às subjetividades que foram invisibilizadas. Habitar os territórios periféricos da cidade de Fortaleza de modo ético, para nós, foi nos propormos, a partir daquele dispositivo e naquele dispositivo, a criar metodologias que “alumeiem” zonas e existências estrategicamente não iluminadas.

As linhas de força, segundo Deleuze (1990), destacam as relações de poder-saber. Apresentando-se na dimensão do poder e atravessando todos os pontos do dispositivo, traçam trajetões tangentes, operam “idas e vindas entre o ver e o dizer e inversamente, agindo como setas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras, que não cessam de conduzir à batalha” (DELEUZE, 1990, s/p). Já a quarta linha, de subjetivação, cria modos de existir, “é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está pra se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga. Escapa às linhas anteriores” (DELEUZE, 1990, s/p). Assim, essa dinâmica alinhada à roda de conversa, teve por intuito criar condições para que as mulheres pudessem pôr em análise as potências e dificuldades de habitarem aquele território e também criassem narrativas e modos de existir outro.

Diversas foram as situações de violações relatadas pelas mulheres durante os nossos encontros. As rodas de conversa “Partilha do sensível: narrando cotidianos” e “O que se cala, o que se fala: ser mulher no Santa Filomena” chamaram atenção pela quantidade de narrativas que versaram sobre questões relativas à segurança pública, violência urbana e precarizações do cotidiano. Barros et al. (2019) discutem a respeito das expressões da necropolítica à brasileira e suas implicações nos cotidianos das periferias, sobretudo pensando na capital cearense, problematizando como essa política que gera mortes cotidianamente se apresenta a partir da criminalização e homicídios dos adolescentes e jovens; do encarceramento em massa e no aumento do número de assassinatos de mulheres jovens.

Hur (2018), em uma leitura esquizoanalítica, ao falar em “sofrimento psicossocial”, ressalta a produção de sofrimento imanente aos modos de subjetivação contemporâneos atravessados pelas demandas geradas pelo capital e que constrói sujeitos e coletivos com a sensação de desagregação e a percepção da ideia de desamparo de modo intenso e individual. Rodrigues (2019) lança mão do uso dessa noção para pensar nas implicações

7

Gíria que faz referência a R\$ 15 (quinze) reais.

8

A saber, as linhas de visibilidade, dizem de cada dispositivo apresentar seu regime de luz, seus modos de iluminação, não sendo uma visibilidade que ilumine o todo, mas composta por linhas de luz que forjam figuras variáveis e inseparáveis deste ou daquele dispositivo. Já as linhas de enunciação compõem regimes que fazem nascer enunciados (DELEUZE, 1990, s/p).

psicossociais dos homicídios juvenis, pensando sobretudo, nas mães das vítimas, que segundo a autora, podem ser compreendidas como testemunhas vivas da necropolítica.

Outro desafio que essas mulheres enfrentam diz respeito a como os agentes de segurança pública atuam dentro da comunidade. Firmina nos contou

“Às vezes eu pego briga aí na comunidade porque eu acho errado o jeito que os policial entra aí na comunidade, pra eles todos são iguais, eu não aceito eles maltratando um de menor, eu já fui até ameaçada porque eu não aceito”. Ela nos conta que já bateu de frente com policiais: “O direito de vocês é prender e não bater! Se tem alguma coisa a pagar, a justiça segura ele lá”. Também falou sobre a conduta de alguns policiais “E às vezes até mata [...] ‘ah, foi acidental’, não existe isso!”. A moradora falou sobre a falta de preparo da polícia para atuar na comunidade: “Às vezes eles tratam a gente na comunidade como se fosse uns bichos, uns animais, poucos são bons [policiais]”. (Trecho do Diário de Campo do 8º encontro - “Partilha do sensível: narrando cotidianos”)

A militarização dos territórios periféricos em Fortaleza se acentuou com a instalação de torres de vigilância, chamadas de Células de Proteção Comunitária (CPC). Que corpos tais células visam proteger? De que proteção se fala? Isso porque as moradoras do Santa Filomena, próxima a uma dessas células, não se sentem mais seguras com tais equipamentos. Nas rodas de conversa, por mais que não tratássemos especificamente sobre a temática da violência urbana, as mulheres traziam muitas falas sobre isso. Firmina nos relatou a importância de estar a par dos próprios direitos e de não se calar diante das arbitrariedades cotidianas cometidas pela força policial:

“Eles espancam e violentam as pessoas, os jovens [...] o direito deles é prender, não é porque eles vestem farda que eles são maiores que a gente, são humanos que nem a gente. Já sofri violência de policial, mas não me calei porque sei dos meus direitos; antes eu nem pisava na delegacia, agora sei dos meus direitos e vou atrás dos direitos humanos”. Ela também falou que sentia falta que as outras mulheres não se juntavam para “fazer valer esses direitos”. (Trecho do Diário de Campo do 9º encontro - “O que se cala, o que se fala: ser mulher no Santa Filomena”)

A roda de conversa “Histórias Cruzadas/Infância em (re)invenção” aconteceu debaixo de uma árvore, no quintal da casa de Ana Maria, tal espaço propiciou o compartilhar de histórias numa ambiência mais acolhedora. Iniciamos o encontro com dois contos, “Infância” e “Os negros”⁹, da escritora Maria Carolina de Jesus. Contamos que se tratava de uma escritora negra que cresceu e viveu na periferia do Rio de Janeiro. A partir das afecções produzidas pelas duas histórias, as participantes compartilharam experiências relativas às suas infâncias. Foi um momento importante no qual ouvimos mães contando histórias que suas filhas não conheciam e co-facilitando o momento. O grupo-dispositivo foi abrindo espaço para a novidade e criatividade, marcando assim sua capacidade de transformação (BARROS, 1994).

Oficinas, suas experimentações e seus efeitos: fazendo as luzes “alumiar”

As oficinas foram uma aposta nas criações artísticas e experimentações estéticas, potencializando o uso de diversas linguagens. A oficina “Significados de Ser Mulher” se deu a partir da produção de colagens cujo intuito foi possibilitar às participantes compartilhassem narrativas e

9

Os dois contos podem ser encontrados em O diário de Bitita, editora SESI-SP, 2019.

reelaborações sobre “ser mulher”, entendendo, a partir das produções, como essas experiências de generificação entre as participantes do grupo se aproximavam e se distanciavam. Durante essa oficina, elas trouxeram as potencialidades e dificuldades de “ser mulher” habitando contextos periféricos da cidade.

As participantes optaram por fazer as colagens de modo individual, mas sempre interagindo umas com as outras. Houve muitos comentários e trocas de ideias, desde questões relacionadas à estética da colagem até interpelações como “isso aqui representa a mulher?”. Pensar nas metodologias utilizadas tendo como ponto de referência a interseccionalidade diz respeito à criação de uma oficina que, desde o início, tivesse por intuito tensionar a ideia de universalização da experiência do que é “ser mulher”.

O grupo atuou como máquina de visibilização e dizibilização das múltiplas possibilidades de “ser mulher”, assim como os desafios vividos por mulheres negras e periféricas. Durante a oficina, elas puderam experimentar “ser a mulher que corta, cola, cria”, como nos disse Alice “Eu me senti uma artista”. Construir um grupo já pensando a partir da perspectiva interseccional (DAVIS, 2016; HOOKS, 2014, 2015; AKOTIRENE, 2018), é já desconstruí-lo como lugar do homogêneo ou do espaço para a reprodução de modelos universais (BARROS, 1994).

Um dos momentos mais marcantes foi quando Dona Carolina, que não era alfabetizada, mas dizia ter interesse em aprender a ler e escrever, pediu ajuda de uma das pessoas que estava facilitando o grupo para escrever, em seu papel, duas palavras: “SER MULHER”. A facilitadora copiou em um papel as letras, e ela transcreveu, devagar e de modo caprichado, observando o formato e por vezes apagando algumas letras e reescrevendo-as, até ter em sua folha: “SER MULHER”. Essa cena nos lembrou dos ensinamentos freirianos sobre uma educação libertadora baseada na indissociabilidade do contexto e das trajetórias de vida na formação de quem aprende, com ênfase no processo de transformação dialética entre quem ensina e quem aprende. Para Paulo Freire (1996) uma educação que tem por intuito a libertação e autonomia, busca fomentar a consciência crítica da realidade sem desvalorizar ou negar o contexto no qual quem aprende está envolvido. Quando Paulina viu sua companheira de grupo no processo da escrita, a imitou e começou a reproduzir em sua folha cada letra até formar “SER MULHER”. Das muitas questões que esta oficina trouxe, também pudemos perceber as feridas operadas pelo colonialismo (KILOMBA, 2020) cujo efeito da opressão historicamente sofrida reverbera, não somente na identidade feminina de Paulina, como também nas demais mulheres negras do grupo, que fazem com que essas mulheres tenham como ideal o padrão de beleza da mulher branca.

Paulina colou em sua folha duas mulheres, observamos que todas eram brancas e com cabelos lisos. Durante a colagem, ela encontrou em algumas páginas mulheres negras, achou-as bonitas, mas não colou em sua folha. Paulina é uma mulher negra retinta (Trecho do Diário de Campo do 7º encontro - Oficina de colagem - “Significados de Ser Mulher” - 21/07/2018).

Para Akotirene (2018), a particularidade da experiência do “ser mulher” deve ser observada a despeito das condições de vida e relações de poder que a atravessa. Desse modo, ao pôr em análise esta cena, faz-se importante considerá-la a partir de um prisma analítico interseccional, para não cairmos na armadilha de isolar e individualizar a experiência de Paulina, que fala muito mais de uma questão histórica do que de uma vivência individual. Após as criações, houve uma roda para a socialização

das colagens feitas por elas. O interessante foi observar que uma grande parte das mulheres associaram “Ser mulher” a ideias de maternidade, como “Ser mulher é ser mãe” ou “Ser mulher é cuidar dos filhos”. Ribeiro (2019) problematiza a sobrecarga que se coloca na mulher ao unicamente responsabilizá-la pela criação de seus/suas filhos/as, bem como as estruturas sociais a maternidade como destino.

A segunda oficina teve por objetivo criar um espaço no qual fosse possível elas exercitarem o “ser mulher artista” numa pintura livre. Durante a pintura, as mulheres conversaram entre si, sorriram, sentiram frustração, inspiração etc. A aposta nessa metodologia consistiu em experimentações de outras formas de ser mulher, para além das que haviam sido colocadas em nossa oficina de colagem, sobretudo, de “ser mulher” atrelada à realização apenas de serviços domésticos ou cuidado das/os filhas/os. A proposição de uma oficina de pintura foi um convite-inspiração-provocação, uma linha de fuga do lugar comum de “mulher dona de casa e/ou mãe” que cotidianamente é colocado. Para Liberato e Dimenstein (2013), a arte pode ser um vetor de transformação e novas significações de relações e da vida daquelas/es que a experimentam, forjando novos modos de visibilizar e socializar cotidianos.

A oficina “Mapeando sentidos e potências do Grupo de Mulheres” foi um convite à análise do próprio processo grupal e de seus efeitos. Pedimos para que fosse produzido um mural coletivo a fim de as participantes mapeassem os sentidos e as potências produzidos pelo grupo. Como partimos da perspectiva cartográfica, sabíamos que a proposta inicial poderia tomar outros rumos. E foi o que aconteceu. À medida que elas iam puxando as setas, notamos que o que estava sendo construído dizia respeito aos sentidos suscitados no, e não somente pelo, grupo.

Uma das mulheres falou “Eu queria mais liberdade e mais paz pra esse grupo, pra essa comunidade. Liberdade de poder andar pelos canto, sabe?”. No cartaz também couberam os desejos para a comunidade. Podíamos perceber os efeitos do dispositivo-grupal, rompendo barreiras estabelecidas com a dicotomia entre individual e social (BARROS, 2007). O sofrimento daquelas mulheres tinha fatores para além de vivências individuais. E por aquela mulher desejou naquele momento “liberdade e paz”? Cabe dizer que 3 jovens da comunidade do Santa Filomena haviam sido assassinados há poucos dias em outro território.

A “Oficina de fanzines: uma carta a si” durou dois encontros, foi proposta com o intuito de fazer uma avaliação conjunta do grupo, sobre as mudanças acontecidas. Uma escrita mais voltada para si voltada para si, mas com a perspectiva de serem compartilhadas através da fanzine. De início, apresentamos às participantes o que era uma fanzine¹⁰ e um pouco da história daquele tipo de publicação. A escrita da Fanzine operou como uma estratégia metodológica que buscou romper a marca colonial do silenciamento (KILOMBA, 2020), apostando num momento onde a polifonia de vozes pudesse se apresentar a partir da escrita¹¹. Após a conclusão dos textos, formamos um círculo para conversarmos sobre o processo da escrita, sob a perspectiva das participantes. Algumas mulheres comentaram conosco sobre o processo de mudança pelo qual passaram a partir de sua entrada no grupo, como no caso de Dona Carolina:

Hoje eu sou mais comunicativa, consigo me expressar em público. Então eu acredito que foi uma aprendizagem incrível. (...) Não gostaria que esse grupo acabasse porque me sinto bem nesse lugar e aprendi a ser mais aberta aqui para novas amizades. Escolhi essa imagem (de uma atriz de teatro pintando-se, como estivesse se arrumando para o espetáculo), pois ela mostra a mudança que ocorreu em mim. (Trecho da Fanzine Coletiva do Grupo de Mulheres do Santa Filomena)

10

Uma fanzine ou “zine” consiste em uma publicação impressa, geralmente em pequena escala, que pode ser produzida por um ou mais autores/as. A montagem da zine pode ser feita a partir de textos escritos, imagens, desenhos. A estética desse tipo de publicação se dará conforme as intenções de quem a idealiza, bem como o número de páginas, conteúdo, formato, periodicidade etc.

11

Fornecemos suporte àquelas mulheres que não sabiam escrever ou que tivesse dificuldades na escrita.

Para Deleuze (1990, s/p), em todo dispositivo é necessário que haja a distinção daquilo que somos e o que não seremos mais “e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do atual”. Para o autor, a história opera como arquivo e configura aquilo que somos e deixamos de ser. Já a parte do atual diz respeito ao esboço daquilo que vamos nos tornando. Naquele dispositivo-grupo, buscamos acionar, junto com as mulheres, sua capacidade de transformação, desterritorialização para “irromper em devires que nos desloquem do lugar intimista e privatista em que fomos colocados como indivíduos” (BARROS, 1994, p. 152). Pensar nos modos de subjetivação engendrados a partir do dispositivo grupo diz respeito a uma aposta na multiplicidade de devires, contrapondo modos naturalizados e totalizantes (BARROS, 2007).

Juntar os textos para formar um zine também foi um modo que encontramos para mais uma vez apostar no aliançamento (BUTLER, 2018), ou seja: em como juntas haviam criado estratégias e possibilidades para combater a maximização da precariedade de suas vidas (BUTLER, 2015). Firmina falou em sua carta que o grupo a havia ajudado muito a se expressar, que se sentia mais segura e confiante pelo apoio das integrantes do grupo. Para ela, conhecer outras pessoas a ajudou a enfrentar as vicissitudes de seu dia-a-dia, pelas vinculações, partilhas e problematizações constituídas nas oficinas e rodas. Tivemos, ademais, um encontro para entregarmos as zines prontas. E com isso encerramos as nossas atividades naquele grupo de mulheres, apostando na reverberação destas.

Considerações finais

Ao longo das oficinas e rodas de conversas realizadas, o dispositivo grupal fez ver e falar, no diálogo com as mulheres, o caráter interseccional com que opera a “necropolítica à brasileira” (BARROS, 2019), que aniquila, assombra, silencia, apaga, (i)mobiliza e (in)visibiliza perversamente (BARROS; SILVA; GOMES, 2020).

A partir da constituição do dispositivo grupal com mulheres, foram operados revezamentos entre pesquisa e extensão, apostando na potência das experiências a partir das quais as participantes se reconheciam e eram reconhecidas, tomando seus cotidianos como espaço-tempo para o exercício conjunto de análises psicossociais sobre a problemática da violência, mas também de processos de singularização e re-existências micropolíticas (BARROS; SILVA; GOMES, 2020).

A partir dessa experiência e dialogando as sistematizações de Barros, Silva e Gomes (2020), destacamos os seguintes aspectos ético-estético-políticos que caracterizam aquele dispositivo grupal realizado com mulheres: 1) atuação pautada na problematização, interseccionalização, desindividualização que permitiram a experimentação de deslocamento de processos de subjetivação hegemônicos e a recomposição de modos de subjetivação; 2) conexões entre pesquisa e intervenção, a partir de metodologias coletivas, críticas, implicadas, participativas e construídas processualmente no âmbito do trabalho de investigação e atuação COM mulheres, e não SOBRE mulheres; 3) discussão de temas pertinentes aos territórios existenciais das participantes e fomento de produções colaborativas no grupo, não sucumbindo à sobre-implicação que lança mão de uma noção homogeneizante acerca da condição daquelas mulheres e do processo grupal; 4) produção de escutas e regimes insurgentes de visibilidade de mulheres subalternizadas; 5) constituição de espaços que envolveram apoio mútuo entre mulheres e análise coletiva que decompussem verdades e desnaturalizassem formas de dominação e condições de desigualdade; 6) operação de micropolíticas de singularização, relacionadas à experimentação de resistências/re-existências, de novos

sentidos para o cotidiano, da afirmação das multiplicidades de modos se ser mulher e do agenciamento de um plano do comum, espaço-tempo virtual de pertencimento entre corpos heterogêneos cujas alianças se tornaram possíveis por compartilharem condições desiguais de precarização da vida e virtualidades insurgentes.

Sobre o artigo

Recebido: 09/09/2022

Aceito: 19/10/2022

Referências bibliográficas

AGUIAR, K.; ROCHA, M. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 648-663, 2007.

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARROS, J. P. P. Juventudes desimportantes: a produção psicossocial do “envolvido” como emblema de uma necropolítica no Brasil. In: COLAÇO, V.; GERMANO, I.; MIRANDA, L.; BARROS, J.P.P (Orgs). **Juventudes em Movimento: experiências, redes e afetos**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2019.

BARROS, J. P. P. et al. Homicídios juvenis e os desafios à democracia brasileira: Implicações ético-políticas da psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 37, n. 4, p. 1051-1065, 2017.

BARROS, J. P. P.; PAIVA, L. F. S.; RODRIGUES, J. S.; SILVA, D. B.; LEONARDO, C. S. “Pacificação” nas periferias: Discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. **Revista de Psicologia**, 9(1), 117-128, 2018.

BARROS, J.P.P.; SILVA, D. B.; GOMES, CJA. Dispositivos grupais com jovens: rizomas em territorialidades periféricas. **Pesquisar com as psicologias: artesanias e artifícios**, v. 1, p. 205-226.

BARROS, R. D. B. Grupo e Produção. In: LANCETTI, A. (Org.), **Saúde loucura 4: grupos e coletivos**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, p. 145-154.

BARROS, R. D. B. **Grupo a afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Sulina/UFRG, 2007.

BENÍCIO *et al.*, 2018. Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de Adolescentes e Jovens em Fortaleza, CE. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 38, n. esp. 2, p. 192-207, 2018.

BORGES, D.; CANO, I. **Índice de homicídios na adolescência: IHA 2014**. Rio de Janeiro, RJ: Observatório de Favelas, 2017.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. 2015.

COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA – CCPHA. **CADA VIDA IMPORTA: Evidências e recomendações para prevenção de homicídios na adolescência**. Fortaleza, CE: o autor. 2016.

COSTA, E. A. G. A.; MOURA JR., J. F.; BARROS, J. P. P. Pesquisar n(as) margens: especificidades da pesquisa em contextos periféricos. In: CERQUEIRA-SANTOS, E.; ARAÚJO, L. F. (Org.). **Metodologias e Investigações no Campo da Exclusão Social**. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 13-31.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

- DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: DELEUZE, G. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FOUCAULT, M. Soberania e Disciplina. In: MACHADO, R. (Org). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HOOKS, B. Ain't a woman? Black women and feminism. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.
- HOOKS, B. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 454-478, 1995.
- HUR, D. U. Movimentos Sociais Nômades. In: HUR, D. U. **Psicologia, política e Esquizonálise**. Campinas: Alínea, 2018. p. 167-184.
- KASTRUP, V. Pista 2: o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- MENEZES, J.; COLAÇO, V.; ADRIÃO, K. Implicações Políticas na Pesquisa-Intervenção com Jovens. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 8-17. 2018.
- LEITE, I. L. da S. **É meu direito de mãe: narrativas de mulheres integrantes do grupo de mães do sistema socioeducativo de Fortaleza**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.
- LIBERATO, M. T. C.; DIMENSTEIN, M. Arte, loucura e cidade: a invenção de novos possíveis. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 272-281, 2013.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- PASSOS, L. M.; CARVALHO, A. M. P. Medo e Insegurança nas Margens Urbanas: uma interpretação do “viver acuado” em territórios estigmatizados do Grande Bom Jardim. UECE. Fortaleza: **O Público e o Privado**, v. 26, n. 1, p. 233-259, 2015.
- RANCIÈRE, J. **A partilha do Sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- RODRIGUES, J. **Testemunhas da Necropolítica: implicações psicossociais dos homicídios juvenis no cotidiano de suas mães**. 2019. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará.
- SCISLESKI, A. C. C.; HÜNING, S. M. Imagens do escuro: reflexões sobre subjetividades invisíveis. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 8-27, 2016.